

**1º CONACSO**

**Congresso Nacional de Ciências Sociais**

**Desafios da Inserção em Contextos Contemporâneos**

23 a 25 de setembro de 2015 - UFES - Vitória-ES

**REFLEXÕES ACERCA DO VALOR SIMBÓLICO DO “MUNDO DO CRIME”:  
A “OUTRA FAMÍLIA”**

**LOHAINE JARDIM BARBOSA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO**

## APRESENTAÇÃO

O presente artigo pretende trabalhar as dimensões simbólicas da adesão de crianças e adolescentes ao mundo do crime, em especial ao mundo do tráfico de drogas. Procuo destacar o que vem sendo elaborado pela bibliografia atual que visa discutir a violência urbana no Brasil e em especial, com foco na realidade do Município de Vitória no Espírito Santo, com relação aos elementos emocionais e psicológicos da adesão de garotos e garotas, cada vez mais jovens, ao mundo do tráfico.

O que se pretendeu neste breve artigo é provocar a necessidade de análises e postulados teóricos que considerem o fenômeno da violência urbana a partir de um olhar multi-focal, que considere as dimensões subjetivas e não apenas sócio-estrutural, econômica e política do fenômeno da violência.

A hipótese aqui trabalhada, apesar de considerar o trabalho de crianças e adolescentes como um fenômeno histórico e cultural na sociedade brasileira, parte do princípio de que o acirramento do combate e das políticas de repressão do tráfico de drogas, bem como a expansão e consolidação da atividade do narcotráfico no Brasil, tenha intensificado o aliciamento de crianças e jovens pela dinâmica do tráfico de drogas, não apenas entre as classes baixas, mas também entre classes médias e altas. Fenômeno esse que não pode ser explicado apenas através de uma sociologia do risco (PERALVA, 2000; SPINK, 2003; ROCHE, 1994; COHEN, 1999) embora deva ser considerado também nessa perspectiva, envolve elementos de ordem emocional, psicológica, e social fundamentais para a compreensão e a reflexão sobre os índices de morte de jovens do sexo masculino, entre 14 e 25 anos (tendo a Cidade de Vitória no Estado do Espírito Santo como referência).

Embora esse tema seja atual e fundamental no pensar sobre políticas públicas de segurança urbana, não pretendeu-se elaborar um guia de como lidar com esse fenômeno, nem listar ações dos poderes públicos em prol da diminuição dos índices de homicídios de jovens, ou de tráfico de entorpecentes. Buscou-se enfatizar a importância de reflexões e produções de pesquisas que tenham como fundamento a análise de aspectos emocionais e simbólicos da adesão ao crime, não bastando para esse fim à análise de estatísticas criminais (que por si só são limitadas e falhas, por focar a perspectiva do crime e não da vítima, e pouco considerar os crimes não denunciados e por isso, não catalogados e quantificados).

## **OLHARES SOBRE A VIOLENCIA URBANA NO BRASIL**

Michel Weviorka (1997) foi talvez um dos primeiros autores a propor um novo paradigma da violência que considerasse a dimensão subjetiva e psicológica do fenômeno, para além de uma leitura social do mesmo. O autor propõe uma discussão que visa articular e integrar as diversas teorias sobre violência focando experiências históricas concretas, mas não de forma a esclarecer “classes de violência”, o que limitaria a análise do fenômeno a um conjunto de especificações de ordem epistemológica. Este acaba com o “mito” de uma suposta “irracionalidade da violência”, destacando a existência de uma racionalidade própria à violência e que se contextualiza ao se manifestar enquanto tal, sendo sua natureza extremamente dinâmica e mutável. Ao argumentar que a violência é com frequência, ou pelo menos em parte, a marca de um “sujeito contrariado, interditado, impossível ou infeliz”:

...(a violência) Traz então a marca de uma subjetividade negada, arrebatada, esmagada, infeliz, frustrada, o que é expresso pelo ator que não pode existir enquanto tal, ela é a voz do sujeito não reconhecido, rejeitado e prisioneiro da massa desenhada pela exclusão social e pela discriminação racial. (WEVIORKA, 1997:37)

Sua proposta de uma teoria da violência baseada na noção de sujeito, parte de uma análise centrada no sujeito racional, capaz de construir-se a si próprio, produzindo sua existência e seu reconhecimento na alteridade que produz em relação “aos outros”. Trata-se de um sujeito dialético, em que o conflito se torna a sua base constituinte e a partir desse são construídas e re-construídas as relações sociais. Embora racional, esse sujeito não é sempre “ator” (WEVIORKA, 1997) e é justamente nesse espaço em que este deixa de ser ator, deixa de se responsabilizar e/ou ser dono de seus atos, que a violência se constituiria. Segundo o autor, as experiências da violência urbana não poderiam derivar de uma leitura economicista que relacione os atos de violência e a criminalidade a uma “frustração” pela não possibilidade de inserção no mercado de consumo, como destacam alguns autores (TAKEUTI, 1993; CARNEIRO, 2002)

Weviorka (1997) relaciona frustração e reconhecimento - do ponto de vista da psicologia dos instintos (psicanálise), o termo frustração para o autor refere-se geralmente à recusa de satisfação pela realidade, podendo ser essa uma frustração externa ou interna (para distingui-la da contrariedade de impulsos por forças no inconsciente ou também na consciência). Por isso, a violência não é relacionada a um ato irracional, mas sim a uma insatisfação ou revolta que se constitui enquanto legítima em virtude de uma lógica própria do autor desta.

Essa frustração do sujeito, não é para Weviorka uma frustração por não participação no mercado de consumo, embora esse seja um fato real, mas trata-se antes, de uma frustração pelo não reconhecimento enquanto sujeito o que seriam um motor da produção de um sentimento de injustiça, motor dessa violência tomada como real.

Ofuscados pela mídia e pela insegurança generalizada, os indivíduos não tomam consciência da violência do não reconhecimento que é anterior à violência generalizada. E por isso, a última se tona um simulacro da real violência que se dá no campo do reconhecimento dos sujeitos enquanto tais, da efetivação de direitos civis, sociais e políticos. Ou seja, a violência da desigualdade social, da discriminação social, racial, sexual, entre outras.

Para o autor as sociedades atuais se encontram em crise e “[...] geram condutas, em seu próprio âmago, que constituem a marca para sua própria negação pessoal do sujeito” (WEVIORKA, 2006: 205). Podemos dizer que a violência generalizada da mídia obscurece um conflito fundante das sociedades ocidentais, e pode ser interpretada enquanto um ponto de partida “...a condição necessária para que se constituam atores, para que se exprima uma subjetividade até então reprimida...”(WEVIORKA,2006:209).

A violência é fruto de um trabalho de “sentido”, daí a importância de investigarmos seus elementos subjetivos, seu sentido para o autor da violência, superando assim uma lógica dominante de criminalização de certos atos de violência e naturalização de outros que exprimem um conflito fundante de nossas sociedades.

[O] que caracteriza toda a violência: é o fato de que ela coloca em ação um sentido; mas que este, inevitavelmente, perde-se; desnaturaliza-se, perverte-se e sobrecarrega nela, o que é a marca de trabalho do sujeito através da violência, onde ele é suprimido – mas como vimos, também por vezes se funda (2006:212).

Weviorka não exclui a violência enquanto gozo (ou seja, violência pelo simples ato e prazer de proceder contra a dignidade do outro), mas enfatiza que essa emerge sempre de processos sociais, políticos e subjetivos que não são passíveis de tradução via uma estrutura de personalidade ou cultura, ou seja, o estudo do sentido que o autor da violência atribui a essa, bem como a carga simbólica e emocional que legitima a prática da violência deve constar enquanto elementos fundamentais dessa tradução.

Para o autor não bastaria uma interpretação que enfatize uma “perda”, “crise” ou “diminuição” dos sentidos e valores numa dada sociedade, mas sim da observação dos seus excessos, suas faltas e dos conflitos de se escondem por detrás da violência

aparente que se constitui enquanto violência real, em virtude de um trabalho que a violência efetua sobre si mesma. Por isso, Weviorka (1997) rejeita a possibilidade de se compreender a violência a partir de um levantamento histórico da mesma, ou de uma análise estrutural de sua configuração, e nem parcial de seu momento, e argumenta que compreender o ponto de partida da violência não garante a compreensão do seu ponto de chegada ou sua trajetória. A violência é um fenômeno subjetivo, e como toda subjetividade ela se transforma, se perverte e se inverte:

Para pensar de maneira diferenciada o surgimento e o desenvolvimento da violência no espaço, não há mais princípio geopolítico sólido, as distinções econômicas são insuficientes, e a tese de choque das civilizações revela-se imprópria. Num mundo ou mesmo tempo fragmentado e globalizado, as probabilidades de gaves violências localizadas são grandes em toda a parte, e ao mesmo tempo os problemas os mais limitados têm bem mais que no passado todas as chances de serem deslocados, exportados, prolongados fora do seu espaço inicial ou natural(...)a violência contemporânea pode ser analisada como um vasto conjunto de experiências que, cada uma à sua maneira, traduzem o risco de implosão pós moderna, e mesmo seu esboço.(1997:28-29)

Outro autor importante para analisarmos o fenômeno da adesão de jovens e crianças ao mundo do tráfico é Paulo Cesar Fraga, o autor, embora analise o Rio de Janeiro em comparação com a questão colombiana, em seu texto “Juventude, narcotráfico e violência no Brasil: para além do rural e do urbano” (2000), este consegue captar a necessidade de se aprofundar nas especificidades dos casos brasileiros. Entre os elementos que contribuiriam para o fenômeno que trabalhamos aqui, Fraga enumera, para o caso Colombiano: o “pouco apego à vida”, o uso indiscriminado da violência, o “imediatismo” e o consumo exagerado e desenfreado, mas longe de aceitar apenas explicações economicistas para esse fácil aliciamento, destaca intensa solidão vivenciada por esses jovens e crianças:

(...)medos, angústias, retratos de vidas que precocemente haviam perdido o sentido, em uma situação em que algozes e vítimas pareciam se confundir, num contexto em que todos os agentes são produtos das mudanças sociais e da socialização imposta pelo tráfico [...] contudo é entre os jovens que a violência tem moldado as suas consequências mais nefastas (FRAGA,2000:82-83).

Sua argumentação destaca o que viria a ser uma “cultura da urgência” (Sanchez, 1996), que estaria na base de um comportamento imediatista, e favorável ao risco:

...para estes jovens não há futuro nem raízes, a tradição é uma palavra vazia de conteúdo, existindo apenas, valoricamente, o tempo presente e que este é feito de cada instante e deve ser vivido como se fosse o último, sem qualquer outra referencia, se não o hiper consumismo.(FRAGA, 2000:82)

Apesar de destacar os elementos sociais, econômicos e comportamentais desse “desapego”, e “cultura da urgência” e do efêmero, sua explicação leva em conta as condicionantes emocionais e psicológicas desses jovens.

Fraga (2000) argumenta que muitas vezes, o comportamento “criminoso” (o envolvimento com o tráfico) pode significar uma posição de enfrentamento dessa sociedade que discrimina e coloca esses jovens numa posição de subalternidade e marginalidade. Somado a isso, identifica ainda o que seria uma sensação de abandono por parte das instituições pública, e crise da instituição familiar enquanto centro formador de valores, sociabilidade e convivência, nesse momento, sua argumentação se aproxima de uma interpretação a cerca de sentimentos, valores e emoções, mas o autor não se aprofunda nesse sentido, limitando-se em pontuar como fundamental, essas variáveis.

Ambos os atores aqui trabalhados possuem importantes contribuições para a compreensão da complexidade do fenômeno da violência, em especial a violência criminosa (que constitui enquanto crime sendo tipificada no Código Penal), e apontam para a necessidade de se buscar explicações para esse fenômeno, não apenas nas estruturas sociais ou na chamada “crise das instituições”, mas sim, na compreensão dessas instâncias através da análise das emoções, dos sentidos, dos valores e idéias construídas pelos autores da violência, em relação a essa. Residiria aí, a importância de se focar nos sentidos que os atores atribuem às práticas de violência, a significação que estes constroem a cerca de seus atos e o impactos dessa experiência da construção de suas subjetividades.

### **A OUTRA SOCIABILIDADE: TRÁFICO ENQUANTO PROFISSÃO**

Ao analisar o trabalho infantil no Brasil, Fraga (2000) destaca que este faz parte da constituição social brasileira, onde o trabalho infantil era interpretado enquanto valor moral (desde o século XIX), ou seja, uma preparação e treinamento para a criança se constituísse em adulto responsável e dado ao trabalho. Sua legitimação advinha da crença numa “moldura moral da criança” a partir dos valores do trabalho. Fraga explica a ampla aplicação de crianças e jovens no tráfico com base na crise do mercado de trabalho e em virtude da “era da empregabilidade” (SENNETT:2004,2006). A precariedade das condições de trabalho; perda de sentido na realização do ofício; da relação com o produto do trabalho; e a exploração da mão de obra infanto-juvenil; em condições de sub-emprego; bem como o fim do emprego conduziriam, principalmente jovens de baixa renda, a uma inserção precoce dos jovens ao mundo adulto. Este destaca que:

(...)há, atualmente um tipo de exploração proveniente do retrocesso em relação às

conquistas de direitos assegurados pelas reformas sociais. E que há uma desintegração do patriarcado sem que haja a submissão dele por u modelo de proteção às famílias pelo Estado. O capitalismo informal é uma estrutura social específica com regras dinâmicas próprias que está associado de forma sistêmica à super exploração do trabalho. No cerne da exploração estão os mecanismos geradores de exclusão social.”(2000:97).

Essa inserção em condições de exploração, exclusão social e crise do “poder de controle” da família, e quase inexistência das instituições de controle e regulação social, podem produzir contextos de inversão de valores, e produção de uma nova lógica que vem a legitimar atos ilegais em legítimos. Ou seja, diante das impossibilidades do mercado, da incapacidade do Estado em gerir as demandas sociais, mergulhados numa sociedade onde injustiça social e impunidade se solidificam enquanto características de uma formação social que possuiu a desigualdade em sua base, os “adultos precoces” podem elaborar novas lógicas de legitimação de atividades que são consideradas ilegais pela sociedade mais vasta, onde o risco se faz presente e a legitimação da atividade “criminosa” se impõe como forma de resistência às desigualdades sociais, à discriminação da qual são vítimas e a uma violência que é constituinte das relações e da formação social brasileira.

Nesse contexto, o tráfico e a vida de “traficante” permite um “reconhecimento” que antes parecia “impossível” para essas crianças e jovens:

*[...] lá eu posso fazer alguma coisa pelos outros, ajudar a comunidade, conversar, aconselhar as pessoas, lá eu posso desenvolver meus talentos, as pessoas me escutam, dão valor, reconhecem o que eu falo, agradecem pelo conselho (Fala de um ex-traficante).*

O mundo do tráfico permite o reconhecimento e possibilidades de uma nova socialização, muitas vezes mais sólida que a familiar, cujas regras de comportamento fornecem elementos de sentido e novos valores cimentando uma nova lógica que opões a sociedade da lei (cidade) à uma nova família e nova sociedade (tráfico) legítima e reconhecida para seus partícipes. Como percebe Adorno (1998) a atividade criminosa introjeta e desencadeia desarranjo microscópicos no tecido social, principalmente o rompimento da significação tradicional entre o mundo da ordem e da legalidade com o “submundo do crime”, pois existia anteriormente uma nítida distinção entre trabalho e delinquência. Com essa ruptura o mundo do crime é assimilado enquanto mundo do trabalho, a partir de todos os elementos comuns e esse, como “produtividade”, “hierarquia”, e ainda muitos outros que estariam em crise no mercado formal como: “lealdade”, “comprometimento” e “sentimento de pertença”.

Com isso, o risco individual da vida de traficante legitima-se nas estratégias individuais e coletivas forjadas a partir dessa “outra sociabilidade” que o “mundo do tráfico”

possibilita. Esse mundo, fornece além de possibilidade de reconhecimento, valores relacionados ao mundo do trabalho e uma idéia de realização pessoal que serve à legitimação da prática criminosa enquanto prática de resistência à sociedade que oprime e reprime o reconhecimento pessoal e a existência de milhares de jovens e crianças que um dia acordaram adultos.

O ofício do tráfico é invariavelmente uma forma de acesso ao consumo, mas nem de longe as motivações dos agentes se resumem a isso. Trata-se de reconhecimento, de amizade, de lealdade, ao mesmo tempo que o dinheiro do tráfico possibilita acesso ao mundo do consumo, ele permite acesso a um mundo de amizades, festas, mulheres, passeios na praia, ostentação de bens, e outras trocas simbólicas que envolvem status, respeito e serviços (guardar armas para colegas, fazer vigília, consignar vapores<sup>1</sup>, e outros serviços).

A violência é legitimada enquanto meio legítimo de satisfação das expectativas dos agentes, sejam essas econômicas, sociais, ou simbólicas (status e reconhecimento). O tráfico é assim um trabalho, uma profissão. Aqui, o valor das amizades também é tido como algo quase sagrado, os “colegas de profissão”, são sempre pessoas boas, honestas, amigas, o que por vezes vem a negar o mito do “ninguém pode confiar em ninguém” que é declarado noutras falas. Aqui esse sentimento é sempre contraditório, se os amigos são sempre confiáveis no discurso, o “mundo” do tráfico é sempre perigoso e arriscado:

*Ali você tem que estar sempre atento, tem um monte querendo puxar seu tapete, tem que ser esperto senão você roda mesmo! Tem que ter malícia, Na moral mesmo! Tem que ficar de olho aberto! (fala de um traficante).*

*Aquilo não é pra qualquer um não! Você tem que dar o sangue mesmo, se dedicar, cumprir horário, ter responsabilidade, não pode dar mole! É um trabalho como outro qualquer e muito mais sofrido. É um dinheiro ganho com muito suor. (fala de um traficante).*

O trabalho que enobrece, o trabalho que é “esforço físico”, quase uma tortura do corpo, está presente na construção do ideal de “ofício” na percepção dos traficantes. É perceptível mesmo um sentido de “nobreza” e “sacrifício” no que fazem. A religiosidade também é uma frequente:

---

1 O varejo do tráfico de drogas no município de Vitória envolve geralmente uma hierarquia centralizada num patrão, vários gerentes de boca e outros gerentes menores que também funcionam como vapor em alguns momentos, mas podem consignar a droga a outros traficantes menores que apenas fazem a venda (vapores). Geralmente vapores que ganham reconhecimento e confiança dos “colegas” podem vir a consignar a outros vapores drogas, em virtude de terem um lucro maior com suas vendas e poderem comprar em maior quantidade.



*Traficante que não acredita em Deus tá morto! Até pode ter uns camaradas psicopatas que não acreditam em Deus, mas geralmente não duram por lá. Se você não tiver Deus com você, tá perdido! Tem que ter alguém te protegendo, tem que ter fé! (fala de um ex- traficante).*

Quando perguntados sobre o “porque” do tráfico as justificativas giram entorno da legitimação da atividade enquanto algo que não faria mal a ninguém diretamente:

*Pô, não tô roubando, não tô matando, só tô lá vendendo, compra quem quer, se não for na minha mão vai ser na mão de outro. Eu não obrigo ninguém a comprar. Quando eu vejo que o cara tá lá, e tem família, pô torra a grana com a merda, eu falo, dou conselho, tento ajudar e muitas vezes os caras pensam, refletem, acho que eu consigo fazer bem pra um monte de cara. Eu sei que tem cara lá que quer que eles entreguem tudo, só quer saber de vender e tá pouco se fudendo pro cara! Mas eu não, eu faço diferente lá e sei que muita gente observa e já está mudando sua forma de lidar, sei que tem gente que vê o que eu faço e pensa, pô, ele é bacana, ele tá certo, e aí ajudam também, não ficam só na grana!(fala de um traficante)*

É muito comum a referência a uma moral pessoal que remete a um ideal de salvação, ajuda do outro ou simplesmente aceitação do próximo. A “comunidade se ajuda” e dessa forma, a união da “família do tráfico” ocorre em oposição ao mundo de competição, e guerra da sociedade em geral e do mercado de trabalho legal.

*É diferente lá, existe humildade, um ajuda o outro, todo mundo lá é irmão, tem essa de ser melhor que o outro não. O cara que ganha status, ganha na humildade, é reconhecido pelo o que faz, é uma cara responsa, sabe, não é fura olho não, porque fura olho lá não dura! (Fala se ex traficante)*

Dessa forma, o espaço da sociabilidade do tráfico é percebido como mais dotado de valor tradicional do mundo do trabalho do que o mercado de trabalho formal. A “lealdade” e a “sinceridade” estão presentes em oposição a “competição” e “falsidade” do mercado atual. Embora a existência da “competição” não seja negada, esta não pressupõe a “aniquilação” do outro, ou meios ilícitos de disputa, pois estes são castigados com a vida.

*O cara que faz merda lá, desaparece! Se você sacaneia alguém, pode ter certeza que se o pessoal descobrir já era, some! Teve um cara lá que, tipo, traiu um amigo lá! Ficou com a mulher dele, o cara era até gente boa, mas pô, pegar mulher do outro, não pode não! Então, nunca mais vi o cara! (fala de um ex-traficante)*

O mundo do tráfico exerce a cada dia mais atração entre as mulheres. Dominados por homens, essas começam a ganhar destaque, passando em alguns casos a assumir a gerencia das bocas no caso de terem seus maridos mortos ou presos. Muitas mulheres gozam de grande status no grupo, e por isso, ganham prestígio sendo respeitadas e mesmo protegidas.

O mercado de mulheres nesses ambientes é vasto. É sempre presente na fala dos entrevistados a garantia de ter “mulheres” e “honras”:

*Porra, lá eu tinha muita mulher, a mulher que eu quisesse eu tinha, a sério! E tem muita mulhê lá! Eu então, era mô camarada lá, o pessoal me respeitava, tava na boa, as vezes tinha um monte de cara dando idéia na garota e ela tava na minha, eu ficava com ela mas tava tudo na paz! Pô a galera falava “se não dá mole, hem cara”, mas tava na paz eu era brother! (fala de um ex-trafficante).*

*Tava sempre em festa, tinha um monte de camarada, tinha status, e tinha respeito. Demora muito para se conquistar isso e eu conquistei! (fala de um ex-trafficante)*

Durante a realização dessa pesquisa, foi feita uma coleta de notícias veiculadas nos jornais A Gazeta e a Tribuna (de maior circulação no Estado) com vista na visualização de como a mídia vem tratando os casos relacionados ao tráfico de drogas, principalmente aqueles que envolvem menores e mulheres – restritos ao município de Vitória. Também foi feita uma breve varredura dos jornais online gazetaonline e folhavoria, bem como no site da Justiça Federal, focando casos de tráfico de drogas registrados especificamente no município de Vitória.

Uma matéria em Especial, publicada no Jornal a Tribuna do dia 03 de maio de 2020, numa Reportagem Especial chamou atenção para as “meninas” do tráfico, cada vez mais jovens, entre 12 e 17 anos, que se envolveriam no tráfico namorando traficantes e ficariam responsáveis por assumir a venda, quando seus namorados estão presos ou afastados, também se responsabilizaria por compras de armas, e seriam respeitadas e temidas em seus bairros. A matéria atenta para o “prestígio” que estas garotas alcançariam em suas comunidades como um dos atrativos para o mundo do crime.

Entre as leis citadas na referida reportagem, que contribuiriam para uma situação privilegiada e de status social em suas comunidades, por parte das garotas que namoram gerentes do tráfico, estão: a proibição de se envolver com a mulher do gerente do tráfico (sob pena de morte para quem a infringir); o direito de ser escoltada por um “soldado do tráfico” para ir a Shoppings, escolas entre outros locais, ou mesmo ser vigiada em casa; direito de poder sobre os funcionários das bocas de fumo, sendo por estes respeitada (os funcionários lhe devem obediência), ainda, no caso da ausência do gerente do Tráfico, suas “esposas” poderiam assumir o comando do tráfico em seu lugar, ditando as regras a serem seguidas pelos funcionários do tráfico e pela comunidade.

A inserção nesse mundo também abre portas para o acesso a drogas, em especial a cocaína e o crack. Muitas meninas se tornam viciadas nessas drogas e se envolvem com os traficantes para terem acesso às mesmas.

*Teve uma noite que eu gastei uns 300 paus com cocaína, a mulherada veio louco pra cima de mim! É só botar o pó na mesa que elas fazem o que você e quiser, nem precisa pedir! Esse dia foi sinistro!*

Muitas dessas matérias, eram veiculadas nos jornais mais de uma vez, algumas três dias seguidos, de forma a completar os espaços nos jornais, mesmo que diminuíssem de tamanho ao longo dos dias. Essa evidencia demonstrou o quanto a mídia jornalística contribui para a sensação de insegurança da população, e para a percepção da amplitude do tráfico de drogas, com destaque para o envolvimento de funcionários da Polícia Rodoviária Federal (matéria Jornal A Gazeta dia 18 de maio de 2010), de motoboys (matéria do jornal A gazeta de 19 de maio de 2010) evidenciando o grau de organização, profissionalização (e porque não dizer terceirização) e sistematização das atividades do tráfico, e também participação da PM no tráfico (matéria do jornal a Tribuna do dia 24 de Abril de 2010).

Através de uma catalogação das matérias relacionadas ao tráfico de drogas que resultavam em flagrantes, prisões, homicídios ou simplesmente matérias jornalísticas entre a última semana do mês de abril e a primeira semana do mês de junho, tivemos uma média de 2, 5 notícias por dia, relacionadas ao tráfico somente no município de Vitória, sem contabilizar as matérias que se referiam a Serra, Cariacica, Vila Velha e outros municípios do Estado, no ano de 2010.

Isso deixa claro a quantidade de material jornalístico veiculando apenas notícias sobre o tráfico de drogas, independente dos locais das apreensões, homicídios e outros fatos destacados nas páginas dos jornais que todos os dias são lidos nas casas e nos escritórios dos capixabas todas as manhãs.

## **O MUNDO DO TRAFICO PELOS SEUS SUJEITOS: CONCLUSÕES**

As falas dos traficantes e ex-trafficantes são sempre repletas de conflitos, entre um mundo onde tudo podem e um mundo que desejam fazer parte. O mundo do tráfico é aqui, o mundo dos possíveis dentro de um mundo impossível, mesmo que o desejo mais profundo desses jovens seja um dia fazer parte desse mundo impossível, possuindo possibilidades de reconhecimento por parte da sociedade em geral. O trafico é o mundo possível onde gozam de reconhecimento, de capacidade de superação, de status social, e onde podem trocar prestígio por mulheres, medo por respeito e amizade por serviços diversos. Ao mesmo tempo em que todos precisam estar sempre atentos, todos também são amigos, se ajudam e ajudam a comunidade.

Encontramos também nas falas dos traficantes um ideal de “Robin Hood”; onde a atividade do tráfico seria benéfica e mesmo necessária para a comunidade em seu

entorno:

*“A comunidade estaria muito pior se o pessoal não tivesse lá. Eles ajudam a comunidade, eles movimentam o comércio, fazem festas, eles trazem muita coisa boa. A gente protege o pessoal também, pois ladrão que rouba lá não faz isso amis de uma vez. Se eu ficar sabendo de moleque que rouba em Jardim da Penha e se esconde lá, eu mesmo junto a galera e dou um pau nele, nunca mais ele volta. Uma vez uns pivetes fizeram isso, nos corremos atrás deles (risadas) eles correram que você não tem noção, não sei como, os meninos voaram (risadas), mas levaram um susto que nunca mais deram as caras por lá. Se cair na nossa mão por roubar no bairro então, já era! (fala de um traficante).*

A atividade do tráfico é percebida como sendo uma atividade econômica qualquer, que traria benefícios diversos para a comunidade, como livrá-la de perigos dos estranhos ou “marginais” de outras comunidades, promover festividades e condições de comércio local, proteger os comerciantes locais, e mesmo a comunidade como um todo.

As festas e o comércio de bares, e barracas que funcionam a noite, são praticamente sustentadas pela movimentação do tráfico de drogas em alguns locais, como é o caso de Santa Marta, Andorinhas e Jesus de Nazareth.

Nesse sentido, a atividade se torna não um mal mas sim necessária e desejável, e embora essa não seja a opinião da grande maioria dos moradores, é muito comum a defesa da atividade.

*“Os meninos não fazem mal a ninguém, até protegem, não mexem com ninguém, minha menina chega de noite e eles ficam de olho, até ela chegar em casa, dão uma proteção pra ela, e são super educados, me chamam de senhora....” (Moradora de Jesus de Nazareth)*

*“Se tem um problema com alguém é só chamar os meninos lá de cima (Traficantes) que eles resolvem, se um cara tá batendo na esposa, tipo espancando a mulher sem motivo os meninos dão um aviso pra ele, se fizer de novo e alguém contar, eles dão um jeito nele!”.(Moradora de Jesus de Nazareth)*

*“Aqui tem perigo não, pode andar a noite que os meninos ficam de olho, se precisar de dão escolta até em casa, tem bandido aqui não!” (morador de Santa Marta)*

*“Se o menino é difícil, se faz muita bagunça, se bate nos outros, é só chamar os meninos e eles dão um jeito, assalto aqui não tem não, mas você não pode dar mole, deixar nada no quintal, na janela, porque tem os viciados que levam mesmo para trocar por droga, isso é que é terrível!”(Moradora de Jesus de Nazareth)*

Não é preciso se traçar toda uma explicação psicanalítica para compreender as motivações conscientes e inconscientes que levam cada jovem a se envolver na atividade do tráfico de drogas, algumas considerações a esse respeito nos saltam aos olhos: como a vontade de poder, a necessidade de auto-afirmação perante um grupo, e por que não dizer a ansiedade gritante por reconhecimento, por cidadania, por possibilidade de auto realização, bem como uma percepção clara e concreta da impunidade e da “perseguição policial”.

O policial nunca é o mal sempre esta “fazendo o trabalho dele”, mas é comum associarem a ação policial ao preconceito e ao fato de morarem ou frequentarem uma comunidade carente, bem como conhecerem muito bem o envolvimento policial na atividade:

*“Os caras que vêem pra pegar a gente, pô, tão fazendo o trabalho deles, é isso mesmo, mas eles não querem nem saber, pode ser trabalhador, pode ser um jovem responsa, que estuda, que trabalha, todo certo na vida, que leva tranco do mesmo jeito. Só porque é pobre, mora na favela, é negro, os caras acham que é tudo igual, não é gente!”. (fala de um ex-trafficante);*

*“E não é todo policial que tá na responsa não! Os caras que tão fazendo o trabalho, pô, tão na boa, mas tem muito policial que fode a gente pra ganhar o dele, e aí quando pega umas 15 pedras pões lá que foi 8, enfim, as coisas não são como aparecem, não!” (fala de um trafficante);*

*“trafficante não é bandido, não tá matando, não tá roubando, tá la vendendo, o cara compra porque quer, e se não comprar com ele compra com o outro, poxa, é um trabalho aê, como qualquer trabalho, o carra urra a noite toda, ganha o dele com sangue, suor e sangue!(fala de um trafficante).*

O trafico é um trabalho que não vê cor, não vê raça e não vê classe social, exige a adesão a um rígido padrão de conduta, proporciona uma outra socialização em oposição à sociedade em geral, e pede lealdade mortal. Mas aceita qualquer um, e principalmente os excluídos, os destituídos, aqueles que são vitimas de diversas formas de violência social por serem economicamente desfavorecidos, por pertencerem a uma parcela da sociedade de sofre preconceito racial (negros, índios geralmente) ou simplesmente por terem nascido em famílias que se diferenciavam em muito de um ideal de família presente nas novelas, filmes, e nas cartilhas dos Programas de Governo e de Políticas Públicas.

O trafico é atrativo por fornecer tudo aquilo que esses jovens não conseguem obter formalmente na sociedade, mulheres, trabalho, amigos, festas, vida social e eventos. Nada diferente da vida dos sonhos de qualquer jovem da classe média, trata-se de um conquista por vias não legais de reconhecimento e possibilidade de realização. Trata-se de uma saída encontrada para a falta de oportunidade e para a falta de sentido de muitos jovens que se sentem perdidos, sem oportunidade, sem motivação para levarem uma vida dentro das normas, regras e leis sociais vigentes.

Trata-se de uma opção para quem não percebe essa sociedade que considera o trafico ilegal como legítima, trata-se de uma sociedade à parte que aceita aqueles que normalmente são excluídos do consumo, e da cidadania. Podemos porque não, dizer, que o trafico trás reconhecimento e realização por meios não legais mais legítimos, uma

vez que se apresentam enquanto única forma capaz, e único meio real de realização.

O que é legal e ilegal para esse jovens já se encontra relativizado desde o nascimento, desde quanto aprendem que estão privados de diversos bens de consumo, desde quanto experimentam a dificuldade de acesso a serviços públicos e experimentam na pele e na vida as desigualdades sociais. Essa relativização se aprofunda quanto conhecem e reproduzem um estigma social da qual são vítimas e também co-fundadores, e se agrava na sensação de impunidade, injustiça social e exploração do trabalho sentida por todas as parcelas da sociedade, sejam pobres, classe média, ricas ou miseráveis!

Longe de buscar explicações para a adesão dos jovens e crianças ao mundo do tráfico, procurei aqui destacar um fenômeno multifacetado, complexo, e ao mesmo tempo gritante, que se faz presente não só em nosso Estado, ou nosso país, mas sim, em todo o mundo, e em especial nos países em desenvolvimento, ou melhor, em profunda desigualdade social.

Este artigo foi produzido num curto espaço de tempo, mas condensa observações e reflexões que têm me acompanhado nos últimos dois anos, e embora seus dados aqui sejam preliminares e as entrevistas tenham sido feitas informalmente e com um número reduzido de entrevistados, a análise das falas dos entrevistados, bem como as reflexões sugeridas a partir do acompanhamento das matérias de jornais e dos índices de homicídios apontam para muitos lados e trazem diversas oportunidades de investigação que pretendo desbravar com mais tempo. Sejam discursos da mídia, discursos do poder público na fala de policiais e autoridades, bem como o tempo e volume de exposição das matérias relacionadas ao tráfico e mesmo a percepção dos moradores dos bairros ricos e de bairros pobres sobre essa atividade bem como suas representações a cerca da figura do traficante a da atividade do tráfico.

Muitas são as possibilidades de investigação, e de reflexão, aqui apenas pincelei pontos mais visíveis, e questões latentes que só necessitam que os indivíduos (sujeitos) sejam colocados em primeiro plano, ou seja, protagonistas, para se fazerem visíveis.

Espero ter suscitado muito mais do que aqui pude escrever, e desejo poder aprofundar tudo que aqui foi exposto, com mais tempo, mais leituras e quem sabe possibilidade de realizar uma pesquisa com volume e qualidade nas informações.

Por enquanto, fica minha singela contribuição, resultado mais que observação do que propriamente pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Antônio Rafael. Prender e dar a fuga: biopolítica, sistema penitenciário e tráfico de drogas no Rio de Janeiro. PPGAS/ MN/ UFRJ. 2005. [tese de Doutorado]. Disponível em: <http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/index.asp?ChvMn=39>. Acessado em 17 de maio de 2010.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. Cidade de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

CARNEIRO, R.(2002). Desenvolvimento em Crise: a Economia Brasileira no Último Quarto do Século XX. São Paulo: Editora Unesp, IE, Unicamp.

COHEN, Philippe. Protéger ou Disparaitre. Paris: Gallimard, 1999.

DOWDNEY, Luke. Crianças do Tráfico. Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. In: Crianças do Tráfico. Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Editora 7 Letras, 2003.

FRAGA, Juventude, narcotráfico, e violência no Brasil: para além do rural e do urbano, p. 81-108.2000.

GRILLO, C. C. Fazendo o doze na pista: um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média. PPGSA/IFCS [Dissertação de mestrado] 2008. in <http://necvu.tempsite.ws/index.asp?ChvMn=40>. Disponível em 17 de maio de 2010.

MISSE, M. O Movimento: A constituição e reprodução das redes do mercado informal ilegal de drogas a varejo no Rio de Janeiro e seus efeitos de violência. Drogas e pós-modernidade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003. In: <http://necvu.tempsite.ws/texto.asp?ChvMn=>. Disponível em 17 de maio de 2010.

MISSE, M. “As ligações perigosas: mercados ilegais, narcotráfico e violência no Rio: in Guilherme Castelo Branco e Luis Felipe Baeta Neves (org.), Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência. Rio de Janeiro e Londrina, Editora Nau e UEL. 1998.

MISSE, Crime e Pobreza: Velhos Enfoques, Novos Problemas. In: Villas-Boas, G. e Gonçalves, M. A. (orgs.), O Brasil na Virada do Século XX. Rio de Janeiro. Editora Relume-Dumará, 1995.

MISSE, M. “Malandros, marginais e vagabundos. A Acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IUPERJ [tese de Doutorado em Sociologia].1999.

MISSE, M. Entrevista: Polícia mata mais que Guerra. Entrevista concedida ao Site No Mínimo em 21/11/2005.

PERALVA, 2000 Parte 3 – Face ao Risco: Cap. 9 - Risco e modernidade; Cap. 10 - A escolha do crime (A experiência do narcotráfico, Os jovens diante da violência policial, A história de Lúcio, A história de Márcio); Cap. 11 - O sangue dos trens urbanos (Surfe ferroviário, A resposta institucional) e Conclusões, p. 119-187.

SENNETT, Richard. A Cultura do novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SPINK, Mary J. P. Tópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, v.16, n.6, nov./dez. 2001. [on line] Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 30.abr.2003.

TAKEUTI, N. (1993) A Pobreza e a Exclusão Social no Primeiro Mundo, in: Revista Vivência do CCHLA/UFRN, v. 07, n. 01, dez/1993

TELLES, Vera da Silva. Cidadania e Pobreza. São Paulo: Ed. 34, 2001.

TRINDADE, Alcione Melo e MENEZES, Jaileila de Araújo. Intimidações na Adolescência: expressões da Violência entre pares em uma escola da Rede pública Federal do Recife. UFPE. In: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/547\\_309.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/547_309.pdf). Acessado em 17 de maio de 2010.

WEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(1): 5-41, maio de 1997.

WIEVIORKA, Michel. Em que mundo vivemos? São Paulo: Perspectivas, 2006.

ZANOTELLI, Cláudio; MEDINA, Jorge Lellis. Análise do discurso dos jornais A Gazeta e A Tribuna sobre os homicídios ocorridos no Espírito Santo em janeiro de 2005. In Revista eletrônica Ufes-Cidadã, 23 páginas, n°2, março de 2007. Disponível em <http://www.proex.ufes.br/nevi/revistas/analisediscursoagazetaatribuna.pdf>.